

## **Uma viagem aos Açores. Do que vi, li e ouvi ...**

Acyr Ávila da Luz\*

Há muito que tinha vontade de conhecer o Arquipélago dos Açores, não só por motivo sentimental - terra de meus remotos antepassados -, como por saber de sua beleza, em natureza vulcânica.

Assim, aproveitando uma longa estadia em Portugal, na primeira semana de novembro de 1998, acompanhado de meu neto de 15 anos, Mário Filipe, voamos para lá, a fim de realizar minha aspiração.

Os Açores existem em decorrência da Tectônica de Placas. Situado o Arquipélago num ponto "Triplo", ou seja, na junção das três placas: euro-asiática, africana e americana e, além disso, em pleno domínio da "dorsal" atlântica, as nove ilhas que o constituem (Santa Maria, São Miguel, Terceira, Pico, São Jorge, Graciosa, Flores e Corvo) são o resultado de uma intensa atividade vulcânica, nesse trecho do Atlântico Norte, localizado entre o continente europeu e a América.

Não é pois, fruto do acaso, a sismicidade que freqüentemente o perturba, mas sim, de um fatalismo geológico, por se encontrarem suas ilhas numa zona de subdução da crosta - placas convergentes, como também estarem situadas em duas das principais zonas sísmicas da terra: a atlântica e a mediterrânea.

Há notícias de que no período de 1901 a 1973 ocorreram nada menos do que 1.470 sismos nessa região do globo.

O último grande sismo, de elevada energia, classificado como terremoto, foi o que causou vítimas e destruição na cidade

---

\* Geólogo aposentado da PETROBRAS.

de Angra do Heroísmo - Ilha Terceira -, no dia 1º de janeiro de 1980.

Também, manifestações vulcânicas violentas, relativamente recentes, foram as erupções de 1718 a 1720, nas freguesias do Pico: São João e Silveira, dando origem aos conhecidos “mistérios”.

Bem mais recente, em 1957, presenciou-se o vulcanismo explosivo - do tipo de erupção *surtseyana* - dos Capelinhos, no oceano próximo e no próprio litoral, do extremo oeste da Ilha do Faial.

Quanto à história da descoberta do Arquipélago, há vários pontos controversos, começando pelo ano que ela teria ocorrido: para uns historiadores, por tradição oral, dizem que foi em 1432; para outros, com melhores fundamentos, que foi em 1427.

Uma pergunta que a mim fazia era: por que os Açores, estando a 760 milhas a oeste e no mesmo paralelo de Lisboa, só foram descobertos pelos portugueses muitos anos após terem eles chegado à Ilha da Madeira (1420), na costa da África?

A explicação que o Diretor do Gabinete da Zona Classificada de “Angra do Heroísmo”, Dr. Maduro-Dias, me apresentou foi de que se tratava de problema de tecnologia náutica. Que até a primeira metade do século XV, a tecnologia para navegações oceânicas ainda não permitia velejar do continente, para o Oeste, devido aos constantes e fortes ventos contrários.

Somente com o advento da combinação das antigas velas quadradas com as triangulares - nas caravelas - se tornou possível navegar para a direção dos Açores.

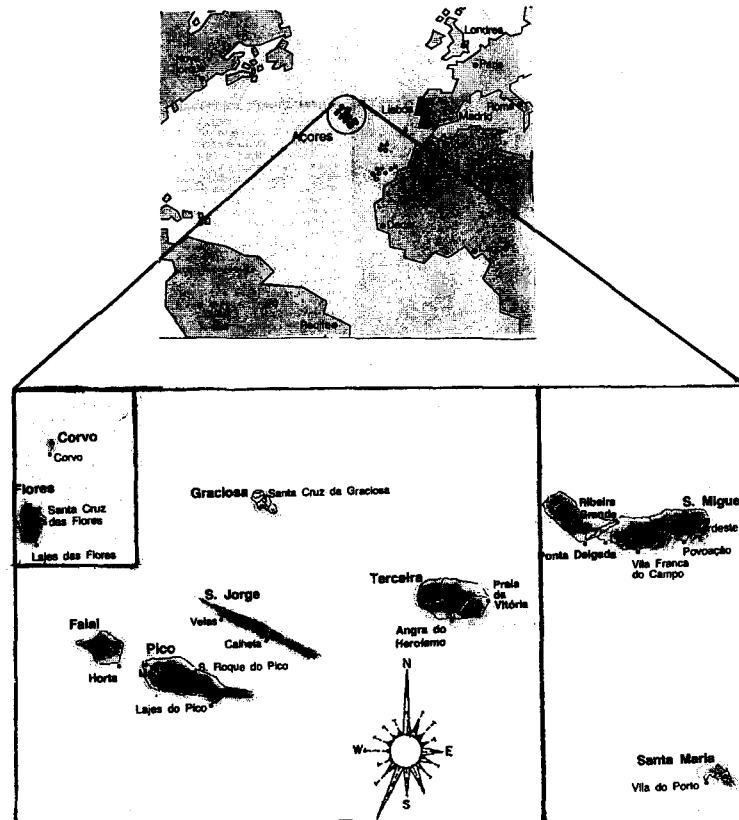
Outro ponto que me intrigava e ainda continuo em dúvidas, é a informação unânime dos historiadores de que as ilhas estavam desertas, quando os portugueses as descobriram, ao contrário do que ocorreu no descobrimento do Brasil e nas terras da África.

Nenhum povo primitivo teria vivido nelas?

Com uma Natureza tão bela, terras férteis, água abundante, bom clima para agricultura e pecuária, rica fauna marinha, com toda essa riqueza - a despeito das freqüentes manifestações

vulcânicas, aqui e acolá -, por que essas ilhas não haviam sido habitadas antes?

### Mapa de situação



Teria sido devido à sua grande juventude, com o surgimento do magma formador somente muitíssimo depois da abertura do Atlântico?

Há vagas e incertas notícias de que moedas fenícias teriam sido encontradas na mais longínqua e pequena das ilhas, a do Corvo.

As informações geológicas de que disponho dizem que os Complexos Vulcânicos mais antigos das ilhas do Pico e de São Jorge, respectivamente, o das Lajes do Pico e o da Serra do Topo, são de idade Pliocênica (da ordem de 5 milhões de anos), portanto contemporâneos com o aparecimento do *Australopithecus afarensis*, o suposto precursor do *Homo Habilis*, na África Oriental.

O Arquipélago estaria pois, demasiadamente jovem, imaturo, para receber o gênero *Homo*?

A pobreza de uma fauna terrestre nativa, reforçam essa tese da inabitabilidade das ilhas em tempos antigos, acrescida do distante isolamento e das prováveis correntes marítimas e aéreas adversas, impedindo a vinda de seres dos continentes mais próximos.

As poucas espécies encontradas pelos descobridores - ratos e camundongos -, com certeza, são já efeito da poluição humana, resultado da navegação corsária.

Proliferam os coelhos, levados pelos primeiros povoadores, mas nem lebres selvagens, e nem perdizes, existem em suas extensas pradarias.

Quanto às aves, aquelas que enfrentam longas distâncias em seus cruzeiros anuais, por certo não tinham por rota os céus dos Açores em suas migrações. Elas, instintivamente, sabem que devem voar segundo os meridianos e não no sentido dos paralelos, o que ocorreria caso fizessem o percurso do continente europeu em direção ao norte-americano e vice-versa. Pois até meus papagaios de Taquaras, em São Catarina, sabem, que para fugir do frio, no outono, têm que voar para o norte e não para a Argentina, a oeste...

Mesmo a cobertura vegetal atual, na maior parte é, sem dúvida, consequência da atividade humana, como é o caso das extensas florestas da conífera "*Criptoméria japonica*", uma espécie alienígena.

A paleobotânica indica a presença das primeiras plantas somente a partir do Holocênico (da ordem de 1,5 milhão de anos), com os achados de folhas fósseis (*Laurus azorica*) em leitos de cinzas vulcânicas no extremo sudeste da ilha de São Jorge, no

porto de Topo e de troncos fossilizados, dentro dos derrames basálticos de Urzelina, no litoral sul da mesma ilha.

Isto posto, considerando como correta a idade Holocênica para os mais antigos “*spécimens*” vegetais das ilhas, a presença de uma cobertura vegetal só teria ocorrido, tardiamente, cerca de uns 500 mil anos após o advento do verdadeiro homem - o *Homo habilis* - lá na garganta de Olduvai, na atual planície de Serengeti, na Tanzânia (há 1 milhão e 900 mil anos).

Mas não param por aí as incertezas sobre o Arquipélago. Discute-se quem o descobriu. Para a maioria dos historiadores foi o navegador Diogo Silves, a mando do infante D. Henrique, no ano de 1427, ficando o Infante como o donatário das ilhas descobertas.

O infante D. Henrique distribuiu as ilhas a capitães, sob a forma de capitânicas, para que eles as povoassem e as administrassem.

A primeira delas, formada por Santa Maria e São Miguel, destinou-a ao experiente navegador Gonçalo Velho Cabral.

A ilha Terceira foi doada ao flamengo Jácome Bruges em 1450, sob a condição de que a povoasse somente com católicos.

Finalmente, a própria designação de Açores, ao conjunto de ilhas, é questionada. Diz-se ser o resultado da confusão dos descobridores, na identificação da espécie de aves de rapina, marinha - os milhafres - abundantes na região e que foram, erroneamente, reconhecidas como sendo açores, pela grande semelhança das duas espécies de aves.

Na seqüência das ilhas visitadas, do que vi, assinalarei o que mais me impressionou.

### **Ilha Terceira**

No trajeto do aeroporto das Lajes para a cidade de Angra do Heroísmo, apesar da forte chuva, já tivemos a oportunidade de observar a bela paisagem que se descortina sobre o terreno vulcânico - lavas consolidadas -, em uma superfície ondulada, com abundante cobertura de gramíneas verdejantes, onde pastejam vacas holandesas pretas e brancas, em piquetes retangulares, cujas

divisórias são muros de pedra (lavas), que lembram nossas taipas da região serrana de Lages, em Santa Catarina. A estes piquetes, para fins da exploração pecuária, é dado o nome de “cerrados”, em contraposição ao termo “currais”, reservado para designar as áreas divididas do mesmo modo, com pedras, situadas junto às moradias, para o cultivo de plantas frutíferas - especialmente de videiras - e hortaliças.

A primeira impressão que tivemos ao chegar à Angra, foi de que estávamos em uma Ouro Preto à beira-mar. Sua arquitetura barroca, densamente edificada em sobrados bem conservados, lembram demais a rua do Ouvidor, daquela cidade mineira, igualmente, como Angra, Patrimônio Mundial da Humanidade.

Parece-se, também com a parte antiga de Salvador, para os lados do Terreiro de Jesus, Baixa dos Sapateiros, Santo Antônio e Pelourinho.

Mas difere de ambas as cidades brasileiras pelo traçado cartesiano de suas ruas. É considerada a primeira das cidades portuguesas a adotar critérios renascentistas em seus traçados.

O ponto alto de nossa visita à Angra do Heroísmo foi a ida ao Castelo São João Batista, situado no Monte Brasil, um promontório que contorna a Oeste a enseada de Angra.

Foi construído pelos espanhóis - que o designaram pelo nome de Castelo de São Felipe - a mando do rei Felipe II, em 1592 e destinava-se à “... *proteção dos navios das Índias Ocidentais (América Espanhola) e muito provavelmente, é a maior fortaleza construída por Espanha*”.

Engenhoso sistema de fossos, a ponte de arcos, o pórtico principal, as impressionantes muralhas e torreões, o palácio dos Governadores, fazem desta fortificação um dos mais grandiosos monumentos de Portugal. Aqui estiveram presas figuras célebres, como o Chefe Nativo de Moçambique (Imperador de Gaza) Gungunhana<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Transcrito do Guia Turístico de Angra do Heroísmo.

Impressionam também, as enormes cisternas subterrâneas e seus canais de escoamento, mostrando a preocupação que tinham quanto ao abastecimento d'água. Esta era acumulada, em grande quantidade, nos períodos de chuva. É, sem dúvida, uma obra admirável de engenharia, executada há 500 anos!

Mas, por outro lado, sob o aspecto humano, as galerias escuras, aqui e acolá, derivando para minúsculas celas, tudo escavado em tufo negro, destinadas à prisão de soldados relapsos, dão-nos, nesse ambiente subterrâneo, uma sensação lúgubre e depressiva...

A espessa muralha que protege a cidadela pelas partes da frente e laterais é constituída de enormes blocos de tufo vulcânicos, arrancados do próprio sítio onde se edificou a fortaleza. Assim, em certos trechos, foram aproveitadas as próprias paredes resultantes das escavações, para nelas se assentarem as pedras dos grossos muros.

O acesso ao Castelo era feito através de uma comprida ponte em arcos, também construída com pedras vulcânicas e que dá para um pórtico monumental, caprichosamente trabalhado.

Antecedendo a este, havia uma ponte elevadiça. Para a proteção pelo lado sudoeste da cidadela, voltado para o Oceano, a própria falésia do Monte Brasil, oferecia a defesa natural para a fortaleza de eventual ataque por mar.

No amplo pátio principal, erguem-se dois magníficos edifícios: a igreja de São João Batista, construída por volta de 1642, logo após a Restauração de Portugal (1640), e o Palácio dos Governadores.

A igreja, de construção sólida, estilo barroco, duas torres encimadas em cúpulas, ladeando o pórtico central, trabalhado em cantaria de fino tufo vulcânico, pardacento, é um autêntico testemunho da forte presença da religião católica, na história açoreana.

O Palácio dos governadores, em estilo colonial singelo, com uma extensa fachada ocupando quase toda a largura do pátio, apresenta-se, na parte central, com dois andares. Logo no térreo,

do lado esquerdo, estão os aposentos, preservados, do destronado, de triste memória, rei Afonso VI (1669-1675).

Foi dentro do recinto dessa cidadela, no chamado curado do Castelo, que nasceu Mariana Vicência da Encarnação, lá pela primeira metade do século XVIII, a ascendente mais remota de que se tem notícia, dos Luzes de Santa Catarina, que se casou com Manuel Rodrigues da Luz - meu tetravô - também dos Açores, mas da ilha do Pico.

No que concerne à Natureza, tivemos a oportunidade de observar - premiados que fomos por São Pedro, com um lindo dia ensolarado -, no trajeto transversal sul-norte da Ilha, indo de Angra à freguesia dos Biscoitos, no litoral norte, Concelho da Praia da Vitória, as belas paisagens de campos coloridos de um verde-salsa, em reticulados muros de pedras (lavas), aqui e ali, interrompidos por densos bosques da conífera criptoméria, de tonalidade verde-escuro.

Já na praia, na localidade de Calheta, surge um surpreendente cenário, de curiosa geomorfologia, formação vulcânica, constituída por depósitos piroclásticos grosseiros, formando um aglomerado (lembrando bréccia/conglomerado), de cor chocolate escuro, que pela intensa ação abrasiva das águas oceânicas, apresenta uma morfologia de pináculos e colunetas e, deixando no intermeio, piscinas naturais, muito freqüentadas, no verão, pelos moradores da Ilha e pelos turistas.

Essa formação vulcânica explosiva pode ser o resultado de alguma erupção oceânica, visto que, em terra, nas vizinhanças, não vimos nenhum vestígio de cone ou cratera.

Ainda na região dos Biscoitos, bem para lá da Calheta, no meio de uma vasta área de “cerrados”, ergue-se um cabeço, provavelmente um cone vulcânico, aplainado no topo. Aí, neste altar, que deu o nome à freguesia de Altares, ergue-se uma singela, mas graciosa branca ermida, tudo contribuindo para uma esplêndida vista.

A freguesia dos Biscoitos é famosa pelo seu vinho “verdelho”, de elevado teor alcoólico, que era exportado para a



corte dos Tzares. Para perpetuar sua memória, existe lá um “Museu do Vinho”.

A designação de “Biscoitos” prende-se ao aspecto da superfície vulcânica, de estrutura de almofadas justapostas (“pillow lava”).

### **Ilha do Pico**

Em um turbo-hélice da linha SATA AIR AÇORES, que faz as ligações inter-ilhas, voamos para a cidade da Horta, na ilha do Faial e daí, em lancha que conduz passageiros à ilha do Pico, através de um mar revolto, após 30 minutos, chegamos à vila de Madalena, sede do Concelho de mesmo nome.

Mesmo antes de aterrissar na Horta, lá do alto, pudemos ver o cume do famoso pico - emergindo do colchão de nuvens - que deu o nome à ilha do Pico e que, com seus 2.351 metros de altura, se constitui na mais elevada montanha de Portugal.

Esta majestosa montanha projeta-se a partir dos campos de lava quase ao nível do mar. De seu topo truncado - a cratera - irrompe uma, relativamente, pequena feição piramidal, como se fora um dente, aparentando ser uma “agulha” de chaminé vulcânica.

Devido à sua grande altura, muitas vezes, no inverno, sua parte superior acha-se coberta de neve e nos dias nebulosos, toda a montanha desaparece no meio da densa névoa.

Sobre esta montanha do Pico, a “Notícia Explicativa da Folha A”, da Carta Geológica de Portugal (1963), escreve textualmente:

*Trata-se de um enorme cone vulcânico, largo na base e estreitando rapidamente a partir dos 1.200m para terminar em ponta (Piquinho).*

*É constituído, essencialmente, por derrames lávicos provenientes da sua parte superior e por várias bocas secundárias abertas nos seus flancos.*

*Os materiais piroclásticos faltam quase por completo à superfície, podendo no entanto existir em*

*profundidade, debaixo de espesso manto lávico que apresenta algares, furnas, túneis e hórnicos.*

*Na parte superior do cone vulcânico existe uma caldeira com cerca de 500m de diâmetro e 30m de profundidade.*

*O Piquinho, cone vulcânico situado na borda E da antiga caldeira, tem uma altura de 60m. É constituído por projeções, inteiramente cobertas por lavas basálticas cordadas, as quais depois de transbordar da sua cratera desceram pelas vertentes, enchendo totalmente a velha caldeira do Pico.*

*Tanto na cratera como nas vertentes do Piquinho existem fumarolas e saídas de gases quentes.*

Desde 1972, a montanha do Pico, recebeu a classificação de Reserva Natural.

Diga-se de passagem, Açores preocupa-se muito com a preservação da Natureza - esta, aliás, é a sua grande riqueza -, tendo-lhe a União Européia, em 1995, atribuído uma das menções honrosas do Prémio Europeu Turismo e Ambiente.

Os produtos das erupções desse enorme vulcão (Pico) - basaltos, lavas e tufos - são os responsáveis pelos extensos vinhedos, que tanto prestígio deram à Ilha, pelos seus famosos vinhos: o verde seco "verdelho" e o "tinto de cheiro", especialmente na rica região de Criação Velha, ao sopé oeste do Pico.

Mas não só as videiras encontraram nesse solo de origem vulcânica e no clima ameno, o *habitat* propício a seu desenvolvimento. As laranjeiras, figueiras, macieiras e outras fruteiras de clima temperado, transformam a Ilha em um grande pomar.

Madalena, a ilha principal, em frente à Horta do Faial, é um pequeno aglomerado de casas, algumas muito antigas, com poucas aberturas, e construídas em cantaria de pedras escuras, de lava. Possui um pequeno centro comercial e, praticamente, dois hotéis: o Pico e o Caravela.

No arrabalde mais ao sul, fica Areia Larga, sítio preferido para casas de veraneio, onde ainda se vêem alguns dos suntuosos solares dos tempos áureos do “verdelho”.

Prosseguindo-se para sudeste, na rodovia à beira-mar, passa-se por dois “mistérios” - o de São João e o de Silveira - antes de se chegar à importante vila de Lajes do Pico, atracadouro histórico, de grande atividade baleeira, em tempos pretéritos. Sobre estes tempos, existe um belo livro, escrito em 1958 (edição esgotada) pelo lajense Dias de Melo e cujo título é: “Mar Rubro - Baleeiros dos Açores”.

Os “mistérios” eram as corridas de lavas que desciam das vertentes da Montanha do Pico, extravasadas de suas crateras e bocas vulcânicas, as quais os habitantes, por não conseguirem entender a causa, apavorados e temerosos, atribuíam a fenômenos sobrenaturais, como castigo mandado por Deus.

A religiosidade e as superstições dos antigos açoreanos tinham muito a haver com o medo do vulcanismo do Arquipélago.

Os famosos “mistérios” de São João e de Silveira ocorreram no período de 1718 a 1720, e até hoje, o vermelho amarronzado de suas terras, testemunha o local onde o fenômeno foi mais intenso.

Em Lajes do Pico - o povoamento mais antigo da Ilha (1460) - tive a oportunidade de entrevistar um culto e viajado escritor, natural e sempre morador de Lajes, de nome Ermelindo Ávila, grande conhecedor da história dos Açores e que me transmitiu algumas informações interessantes sobre ancestrais de famílias catarinenses, oriundas de troncos açoreanos.

Assim, historiou-me, especialmente, sobre os Ávilas, desde a partida dos primeiros saídos da cidade de Ávila, de Castela (Espanha), para a região do norte de Portugal e a chegada na ilha Terceira do Arquipélago, muitos deles tendo emigrado para o sul do Brasil. Mostrou-me mesmo, uma bonita cópia, em cores, do brasão dos Ávilas - emoldurado em um quadro - no qual constava uma descrição pormenorizada sobre a origem e dispersão dos Ávilas a partir da Península Ibérica.

Da Terceira os Ávilas vieram para Lajes do Pico e espalharam-se pelas ilhas centrais dos Açores.

Já os Luzes, antigos habitantes das Ilhas do Faial e do Pico, ao contrário dos Ávilas, não tiveram a mesma amplitude alcançada pelos Luzes nascidos no Brasil.

Ainda para dificultar a pesquisa genealógica dos Luzes do Pico, é voz corrente na Ilha, que dificilmente se encontra documentação sobre registros de seus antigos habitantes, por causa dos incêndios que ali tiveram lugar, creio eu, no denominado "Ano do Barulho". Penso que se referem aos distúrbios - motins populares - deflagrados em agosto de 1862, quando os habitantes se sublevaram contra o poder constituído, protestando contra medidas impopulares.

### **Ilha do Faial**

Depois da rápida visita à ilha do Pico, regressamos à Horta, no Faial, em lancha singrando um mar ainda mais "tenebroso", para tomar o avião de regresso a Lisboa, com escala em Ponta Delgada (São Miguel).

Horta, cidade porto, é o umbral de saída e entrada, não só para o Faial, como para toda a ilha do Pico.

A vida da cidade de Horta está intimamente vinculada ao mar: sua marina é freqüentada por iates das mais diversas procedências; os desportos do mar, como a pesca submarina, os concursos de pesca, as regatas de iates, são atividades que se realizam todos os anos.

A paisagem da ilha não difere da das outras, embora sem mostrar montanhas tão elevadas como a do Pico.

Os testemunhos de sua natureza vulcânica, estão espalhados por toda a ilha.

No extremo oeste estão presentes os restos do vulcão dos Capelinhos, constituídos por leitos de cinzas pardacentas, que se vêem com nitidez, devido à ausência de qualquer vegetação, nessa parte do cone vulcânico, de idade bem recente (1957). Ao decolar

do avião, tive a oportunidade de observar, com clareza, esses interessantes sedimentos de cinzas vulcânicas.

### **Ilha São Miguel**

Nesta muito ligeira estada em São Miguel, apenas visitamos o centro de sua principal cidade, Ponta Delgada.

Surpreendeu-me o tamanho e a beleza dessa histórica e culta cidade do Arquipélago, que sempre disputou com Angra do Heroísmo, a hegemonia dos Açores.

Seus prédios antigos, alguns imponentes, em cantaria de pedras vulcânicas, sua ampla marina na larga enseada, suas praças bem cuidadas, tudo isto coloca Ponta Delgada como uma das mais interessantes cidades de Portugal.

Já Antero de Quental, no século passado, em carta a seu colega e amigo Oliveira Martins, escrevia: *Escrevo-lhe da Terceira. Aqui nos Açores há um provérbio que reza: ... São Miguel, burgueses ricos; Terceira, fidalgos pobres; Faial, contrabandistas espertos.*

Dois famosos personagens nasceram em Ponta Delgada: Antero de Quental, pensador e líder do movimento renovador dos escritores portugueses, na conhecida Questão Coimbrã e que veio a se suicidar (1891) em uma praça da cidade em que nasceu.

O outro foi Teófilo Braga, ardoso positivista, escritor e político brilhante, do final do século passado e do início deste.

Também dos Açores, mas da Terceira, em tempos bem mais recentes, destaca-se a figura de Vitorino Nemésio, autor do laureado romance “Mau tempo no Canal”.

Com esta breve narrativa, procurei mostrar alguns aspectos, que, julgo interessantes, de uma região que, mesmo para os portugueses do Continente, é ainda pouco conhecida e cuja história tem muito a haver com a do Brasil, principalmente à relacionada ao século XVIII.

Também, essa região teve papel importante, quando D. Pedro I, em 1832, estabeleceu na Terceira, sua base de operações

para a retomada do poder em Portugal, assumindo o trono português sob o nome de D. Pedro IV, com o acordo Évora-Monte, em 1834.

### **Referências Bibliográficas**

- MENDONÇA, Luís - *História dos Açores - Visão Geral - Sec. XV-XIX*, Ponta Delgada, 1996.
- RAMOS, Accúrcio Garcia - *Notícias de Açores - História Natural*, 2ª Edição, 1871.
- ÁVILA, Ermelindo - *Figuras e Fatos - Notas Históricas*, Lajes do Pico, 1993.
- Direção Regional de Turismo de Açores - *Pequeno Guia dos Açores*.
- Serviços Geológicos de Portugal - *Notícia Explicativa da Folha "A" da Ilha do Pico*, Açores, 1963; *Notícia Explicativa das Folhas "A" e "B" da Ilha de São Jorge*, Açores, 1975.
- OLIVEIRA, Elsa et al - *Ciência da Terra e da vida - 10º ano* (livro didático), 2ª Edição, Texto Editora, Lisboa, 1996.